



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG - LET UFRGS

<http://seer.ufrgs.br/NauLiterária>

Dossiê O estrangeiro na literatura contemporânea: corporeidades

O feitiço da ilha do Pavão: crioulização e disseminação na ficção histórica brasileira

O feitiço da ilha do Pavão: creolization and dissemination in the Brazilian historical fiction

Stanis David Lacowicz¹

Resumo: Em *O feitiço da ilha do Pavão* (1997), paródia e carnavalização são utilizadas para reencenar uma visão da história brasileira na ilha que nomeia o romance, espécie de microcosmo no qual se projetam elementos do Brasil colonial. Nesta ficção histórica, as trajetórias e lutas dos protagonistas performam a construção fragmentada e compósita da(s) identidade(s) brasileira(s), a partir de elementos que derivam de outras culturas e histórias. Esses pontos serão abordados a partir da reflexão pautada em Bhabha (1998), acerca das fronteiras e os espaços liminares das culturas e, sobretudo, na construção teórica em torno do conceito de crioulização, de Édouard Glissant (2005).

Palavras-chave: crioulização; ficção histórica; *O feitiço da ilha do Pavão* (1997); disseminação.

Abstract: In the novel *O feitiço da ilha do Pavão* (1997), parody and carnivalization are employed to reenact a vision of the Brazilian history in the island that names the novel, a kind of microcosm in which are projected elements of the colonial Brazil. In this historical fiction, the protagonists' pathways and struggles perform the fragmented and compounded construction of the Brazilian identity(ies), based on elements that derive from other cultures and histories. Those points are approached from a reflection in accordance to the postulations of Bhabha (1998), about the borders and liminal spaces of cultures and, mostly, based on the theoretical construction around the concept of creolization, by Édouard Glissant (2005).

Keywords: creolization; historical fiction; *O feitiço da ilha do Pavão* (1997); dissemination.

Há noites nas quais navegantes desavisados se depararam com a aparição majestosa e atemorizante de uma ilha desconhecida, não cartografada. Estariam perdidos, é certo, e a surpresa não seria tão grande se, contudo, não surgisse, do alto das falésias, um pavão gigante com a cauda acesa em inúmeras cores. A lenda relata que o viajante deveria fugir o mais rápido dali, pois,

¹ Doutorando em Letras, área de concentração "Estudos literários", pela UFPR, bolsista Capes. Mestre em Letras pela Unesp/Assis (2012), bolsista CNPq e Fapesp. Licenciado em Letras Português/Inglês (2009) e Letras Português/Espanhol (2015) pela Unioeste/Cascavel. Professor substituto na Unioeste/Cascavel, entre 2013 e 2015, na área de literaturas de língua portuguesa.



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa
PPG - LET UFRGS
<http://seer.ufrgs.br/NauLiterária>

Dossiê O estrangeiro na literatura
contemporânea: corporeidades

assim que a luz se apagasse, tudo mergulharia na escuridão mais profunda. Assim emerge esse espaço mágico, no oceano de palavras do romance *O feitiço da ilha do Pavão* (1998), de João Ubaldo Ribeiro: uma presença em estado de latência, que a qualquer momento pode saltar e fazer-se palpável. Segundo o narrador, sabe-se que “a ilha frequenta os sonhos e pesadelos da gente do Recôncavo” (RIBEIRO, 1997, p. 10), ou seja, atravessa a existência de um povo, verte por um plano de existência oblíquo, brotando pelas artérias do inconsciente como um mito e como um tabu.

Entretanto, em paralelo com essa faceta sobrenatural, a ilha possuiria, ou teria possuído, uma realidade fática, uma cronotopia identificável: um lugar e um tempo. Quando a narrativa começa a se movimentar, saindo do tempo circular do mito no qual se inicia o romance, percebe-se que estamos no meio da Bahia de Todos os Santos, no Recôncavo [baiano] no século XVII ou XVIII, local e período em que transcorrem as aventuras do grupo protagonista. A composição e diversidade étnico-cultural desse grupo, a formatação peculiar da sociedade colonial nessa ilha, as tensões e disputas que fazem o enredo do romance se movimentar, servirão como base para a análise que propomos nesse artigo. Buscaremos articular esses pontos em uma reflexão pautada nas postulações de Homi Bhabha (1998) sobre as fronteiras e os espaços liminares das culturas e, sobretudo, na construção teórica em torno do conceito de crioulização, de Édouard Glissant (2005). Desse modo, a análise irá passar por conceitos como identidade cultural e povo/nação, pensados na maneira como o romance propõe uma determinada leitura da constituição do povo brasileiro. Trata-se de um trabalho que busca nos estudos culturais um suporte conceitual e interpretativo que pode ser produtivo para, na análise literária, adentrar nos meandros da forma literária em análise.



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa
PPG - LET UFRGS
<http://seer.ufrgs.br/NauLiterária>

Dossiê O estrangeiro na literatura
contemporânea: corporeidades

1 A criouliização e os fragmentos da memória cultural

Édouard Glissant, ensaísta e escritor da Martinica, estabelece o conceito de criouliização para pensar o encontro/choque de culturas no Caribe e na América, como ocorrem nesses espaços as negociações entre identidades, línguas e linguagens. Essa noção é engendrada por uma concepção da paisagem americana guiada pelo signo da abertura, possibilitando a irrupção e o inesperado. Desse modo, um sentimento de unidade-diversidade daria ao Caribe sua importância, enquanto uma espécie de prefácio do continente, uma porta de entrada e um ambiente de encontros. O termo crioulo, do qual viria o conceito de Glissant, inicialmente nomeava o filho de europeus nascido na América, passando a remeter às línguas crioulas (como o *Créole* haitiano), entendidas como línguas compósitas, ou seja, gestadas no seio de uma diversidade forçada pelo encontro entre africanos traficados (e submetidos à escravidão), por meio da união de rastros-resíduos de procedência heterogênea que derivariam em uma língua imprevisível e inesperada.

Tendo em vista a dinâmica e movimento dos povos, uma das características da América, segundo Glissant (2005) seria sua tripla divisibilidade: a Meso-América, dos povos autóctones; a Euro-América, dos migrantes Europeus; e, por fim, a Neo-América, a da criouliização. Ressalta-se, nessa divisão, a porosidade de suas fronteiras, os mútuos empréstimos e influências, particularidade que permite compreender a criouliização como um *modus operandi* do jogo entre as culturas, fazendo-se presente nas três Américas de Glissant. A princípio, no tipo de povoamento ligado à criouliização americana, haveria a prevalência do elemento africano, devido ao teor traumático do tipo de povoação decorrente do tráfico de pessoas e dos efeitos desse trânsito. Por terem sido privados de suas culturas, de suas línguas, bem como do contato com o



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG - LET UFRGS

<http://seer.ufrgs.br/NauLiterária>

Dossiê O estrangeiro na literatura contemporânea: corporeidades

seu povo, esses sujeitos traficados e escravizados acabariam por reconstruí-las a partir de rastros-resíduos, fragmentos oriundos do contato e do encontro com o outro. A partir dos estilhaços da memória cultural, rompe-se com uma noção de pensamento de sistema, com a noção de uma raiz única, abrindo espaço para a compreensão dessas culturas pela imagem do rizoma, uma raiz múltipla em contatos múltiplos e continuamente cambiantes.

Dessa maneira, podemos pensar a ilha do Pavão do romance de João Ubaldo Ribeiro como um espaço para o qual fragmentos culturais dispersos são derivados, ou seja, navegam até esse ambiente para serem articulados em um terceiro caminho inesperado. Assim como o Caribe é o prelúdio da América, a ilha do Pavão seria essa entrada para o Brasil, para a porção continental nomeada no romance como Recôncavo. Tem-se, então, que a própria ilha é vivificada, “a paisagem torna-se um personagem do *drama* da Relação” (GLISSANT, 2005, p. 30), deixa de ser apenas um contexto, uma moldura, torna-se o palco das culturas e, para além, torna-se a própria encenação desses personagens e fragmentos culturais colocados em relação.

2 Um microcosmo do Brasil, um microclima crioulizante

Ainda que não se ponha a narrar eventos consagrados da história ou possua personagens históricos de destaque, é possível tratar dessa obra como uma ficção histórica, na qual o universo diegético busca situar o texto em uma determinada época, o período colonial, e as personagens e os movimentos sociais são constituídos de modo a se identificarem com uma imagem possível daqueles tempos. Essa reencenação da história se vale de recursos como a paródia, a carnavalização e a intertextualidade, além de uma postura autorreferente, para problematizar a relação entre o discurso histórico e o discurso ficcional e gerar a tensão entre determinada visão



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa
PPG - LET UFRGS
<http://seer.ufrgs.br/NauLiterária>

Dossiê O estrangeiro na literatura
contemporânea: corporeidades

hegemônica e unificadora do povo e uma visão disruptiva, multiplicadora, *crioulizante*. Assim, o romance de Ubaldo Ribeiro coloca em cena os grandes grupos étnicos que formaram o povo brasileiro, denunciando a falsa homogeneidade de cada grupo, ressaltando a maneira como eles se enleiam uns nos outros e produzem novas identidades. Dessa maneira, pode-se dizer que o autor encena um projeto de “busca da alma mítica do povo brasileiro, através de uma mistura de gêneros que abrange também o romance de cavalaria e o romance picaresco, com fortes doses de intertextualidade, paródia e carnavalização” (ESTEVES, 1998, p. 142). Essa postura já se verifica em certa medida no romance *Viva o povo brasileiro*, de 1984, no qual João Ubaldo Ribeiro constrói uma revisão crítica da história ao reivindicar para os vencidos o lugar protagonista da formação da cultura brasileira (ESTEVES, 2010, p. 72).

Pensada a partir de Bakhtin (1987), a carnavalização corresponde na literatura, em geral, às cenas em que se procede à subversão de imagens cristalizadas e elevadas, ao se focalizar o corpo nos pontos em que se ele abre para o mundo e para a terra: a alimentação, a defecação, o sexo, a morte. Essa abertura e incompletude, que configuram o conceito de corpo grotesco (BAKHTIN, 1987), proporcionam o olhar escatológico e ambivalente: ao mesmo tempo em que se destrona, promove-se um renascimento, sob novos parâmetros (mesmo uma nova cosmovisão) e com potencial de sentidos renovado. Mobilizada por uma atitude narrativa desestabilizadora, a carnavalização busca subverter hierarquias, rompendo fronteiras e parodiando os valores aceitos e as imagens oficiais. No romance de João Ubaldo Ribeiro, além da presença constante de cenas de sexo e defecação para rebaixar as figuras da elite, a carnavalização se articula com a própria percepção das identidades em sua abertura e mútua interpelação, o que é corroborado pelo gesto de desierarquização e descentramento na construção das personagens.



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa
PPG - LET UFRGS
<http://seer.ufrgs.br/NauLiterária>

Dossiê O estrangeiro na literatura
contemporânea: corporeidades

Como o romance sugere em seu primeiro capítulo, há duas formas pelas quais a ilha do pavão existe. A primeira seria a faceta mítica, um assunto interdito, aquilo sobre o que não se fala e que provoca duas reações distintas nas pessoas: há aqueles que a evitam, temerosos de seus demônios, bruxas, em um ambiente de práticas malditas e libertinagem; e há aqueles para os quais a ilha é objeto de atração, não se preocupando com os demônios e tampouco com as práticas libertinas, possuindo o “desejo ardente no peito” de na ilha aportarem, pois “sentem que nela há talvez uma existência que não viveram e ao mesmo tempo experimentam nas almas — paisagens adivinhadas, sonhos aos quais dar vida, sensações apenas entrevistas, lembranças vividas do que não se passou” (RIBEIRO, 1997, 12). Essas duas posições externas, de quem contempla o local a partir do continente, decorrem de duas formas de se conceber a ilha do Pavão, (re)criam-na segundo um determinado conjunto de valores e, em certa medida, direcionam as disputas que movimentam o romance, uma vez que são representativas, também, de ao menos duas formas de se encarar a relação entre as identidades culturais, que são assumidas pelas personagens que vivem na ilha. Não obstante, nas duas imagens, talvez apenas opostas na superfície, é possível ver a ilha como um objeto de desejo, um anseio pelo gozo, diferentes pela reação que apresentam, por um lado, entre uma entrega, e por outro, um recalque (e não uma sublimação ou superação); esse paralelo propicia a postura problematizadora das identidades e a aproximação dessas duas veredas do desejo.

O tão mencionado grupo protagonista é marcado de uma ou outra maneira pela opressão de instituições políticas e religiosas, compartilhando em maior ou menor medida o objetivo de proteger a ilha do Pavão da tirania do mundo exterior. Conforme apresentado nos primeiros parágrafos do romance, para além de uma proteção mágica que é sugerida, a ilha possuiria uma



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa
PPG - LET UFRGS
<http://seer.ufrgs.br/NauLiterária>

Dossiê O estrangeiro na literatura
contemporânea: corporeidades

série de defesas naturais, como redemoinhos no mar e rochedos, que dificultariam o acesso ao seu interior. Esse relativo isolamento teria possibilitado peculiaridades na formatação social do lugar, certa autonomia com relação ao contexto colonial, sendo a mais notável a abolição da escravidão, que teria sido iniciada pelo grande dono de terras, Baltazar Nuno Feitosa, o Capitão Cavalo, atitude na qual foi seguido por quase toda a ilha. Desse modo, apesar do estranhamento que poderia causar no estrangeiro (seja o contemporâneo ao tempo narrado, seja o contemporâneo do romance pelo processo de leitura), era comum ver os negros em convivência de iguais para com os brancos, numa ruptura de hierarquias racializantes que reverbera a forma como o romance constrói a relação entre as culturas.

Capitão Cavalo, que outrora teria trabalhado para o governo português nas suas empreitadas colonizadoras no continente africano, constitui parte do grupo protagonista, ao lado de Ana Carocha, apelidada “Degredada” e tida por feiticeira; do germânico Hans Flussufer, acusado de bruxaria em sua terra; de Crescência, negra de origem congoleza, apresentada como um espírito sem amarras, um pouco pueril, mas que demonstra durante o romance perseverança e um amadurecimento já apontado por seu nome. Nesse conjunto, ainda estariam o índio Balduíno Galo Mau, portador de sabedoria popular, amigo fiel, espécie de porta-voz de seu povo, produtor, conhecedor e consumidor de cachaças, e seu grande amigo Iô Pepeu, filho de Capitão Cavalo, jovem que, ainda que da nobreza colonial, transitava sem preconceitos visíveis pelas várias camadas da sociedade. Pela constituição variada do grupo, alternando a focalização entre seus integrantes, a relação entre os eventos pode parecer afrouxada, sem uma conexão. Entretanto, os acontecimentos tendem a ser direcionados pela tensão entre opressão/liberdade, culminando ao



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG - LET UFRGS

<http://seer.ufrgs.br/NauLiterária>

Dossiê O estrangeiro na literatura contemporânea: corporeidades

final da narrativa no evento do “Grande Feitiço”, a possibilidade mágica de proteger a ilha, retirando-a do tecido espaço-temporal ordinário.

A ilha do Pavão pode ser vista, em se tomando em conta a constituição das personagens e suas tensões, como um microcosmo reflexo do Brasil colonial, mas acrescido de uma visão que faz dela um microclima crioulizante, dando-lhe esse caráter de imprevisibilidade. Nesse sentido, sobre a ilha é projetado o imaginário a respeito da América como o lugar onde tudo é permitido, mas também como o lugar da liberdade, espaço de luta e resistência, o lugar de encontros em que se deixa de ser a si mesmo para tornar-se algo novo sem, contudo, diluir-se no outro.

3 Narrativas e identidades em disputa

No romance, o acontecimento iniciador das disputas é a expulsão em decreto, por parte das lideranças da Vila de São João, dos índios que lá viviam ou transitavam, dando-lhes o prazo de três dias para irem embora, ao final do qual haveria a intervenção dos militares. Esse ato era prenhe de ironia e hipocrisia, sobretudo nas justificativas, como ressalta a personagem de Balduíno Galo-Mau: “Quando índio tá na casa de mulher que eles vai, ajudando no sereviço e fazendo covitage, eles não recrama nem manda índio simhora! Quando índio vê o que eles faz e elas faz, fica tudo muito amigo do índio, pra índio espiar mas não contar! (RIBEIRO, 1997, p. 41). Suspeita-se, então, da motivação pessoal do decreto, suportada pelo receio de que os segredos sexuais das elites pudessem ser conhecidos, rompendo com a aparência de “homens de bem”. No dia da expulsão decretada, contudo, é narrada a batalha de Borra-bota, uma não-batalha, já que Balduíno havia destilado uma poção laxante nas reservas de água da vila, inviabilizando as ações dos soldados. O líder dos militares, o mestre de campo Borges Lustosa, é



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa
PPG - LET UFRGS
<http://seer.ufrgs.br/NauLiterária>

Dossiê O estrangeiro na literatura
contemporânea: corporeidades

um dos afetados e começa a orquestrar a sua vingança, acertando para que fosse enviada para a ilha uma mesa visitadora com o propósito de ser uma filial do Santo Ofício. Para tanto, chega à ilha a personagem do padre Tertuliano da Mota que, no decorrer do romance, se une ao mestre-de-campo no objetivo de dar um golpe e tomar o poder na ilha.

As cenas do Borra-bota, como o próprio título sugere, apelam para as imagens do baixo corporal, ao colocar as personagens dos líderes civis e militares, bem como os soldados, na situação vexatória de uma diarreia em público. O episódio engendra, assim, a “transferência ao plano material e corporal, o da terra e do corpo em sua indissolúvel unidade, de tudo que é elevado, espiritual e abstrato” (BAKHTIN, 1987, p. 17), gesto carnalizante que põe em xeque o caráter monumental dos pretensos heróis que, na maioria das vezes, são os detentores da palavra, do registro da memória. O romance, portanto, parodia nos antagonistas as figuras típicas dos heróis da história, ironizando a autocelebração que eles promovem para construir discursivamente a honra. Lançando mão desses duplos paródico-travestizantes (BAKHTIN, 1987) e do humor que lhes acompanha, a narrativa proporciona ao leitor uma reincursão crítica no imaginário histórico e na autoimagem da sociedade brasileira de ontem e de hoje.

Dessa maneira, os eventos do romance se articulam por certa dialética da repressão/liberdade ou opressão/resistência, através da qual vamos tomando conhecimento da constituição inesperada da identidade dessas personagens. A disputa torna-se também a luta pelo poder sobre a narrativa, sobre os discursos, como pode ser percebido no episódio da batalha do Borra-Bota: duas versões eram mantidas na memória sobre o evento, cada qual de acordo com o título escolhido: “A correta narração dos acontecimentos conhecidos por uns como Sedição Silvícola e pelo populacho como batalha do Borra-Bota depende da escolha de uma dessas duas



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa
PPG - LET UFRGS
<http://seer.ufrgs.br/NauLiterária>

Dossiê O estrangeiro na literatura
contemporânea: corporeidades

designações [...]” (RIBEIRO, 1997, p. 59). Ao se optar pela Sedição Silvícola, é relatado que o mestre-de-campo Borges Lustosa teria enfrentado bravamente os selvagens, trazendo paz à Vila de São João; pela versão Borra-Bota, entretanto, ficamos sabendo que Balduino Galo Mau “em diabólica solércia por trás das linhas inimigas, não só logrou impor derrota envilecedora às gentes d’armas dos brancos, como obteve o que queria, em escárnio da cristandade e da justiça” (RIBEIRO, 1997, p. 59-60).

Essa disputa sobre a narrativa é parte de uma querela mais ampla entre o grupo protagonista, liderado pelo Capitão Cavallo, e os antagonistas, ligados ao mestre-de-campo e ao padre Tertuliano. Cada grupo performa um projeto diferente para a ilha do Pavão, ecoando duas noções de identidades culturais opostas, relacionáveis às duas formas genéricas de culturas apontadas por Glissant (2005, p. 27): as culturas atávicas e as culturas compósitas. Nas culturas atávicas, há um direcionamento para conceber a identidade como raiz única, pensando-a a partir de conceitos como origem e valorizando a imagem de uma tradição linear e unificadora. Daí essa concepção ser significativa para as identidades europeias, nas quais os diversos momentos de reforço do nacionalismo levaram a um fechamento, a uma uniformização do povo, institucionalmente conduzida, que produziu, além disso, a exclusão ou supressão do outro, tanto o estrangeiro quando o próprio outro interno. Por isso, o gênero épico teria grande importância para as comunidades atávicas, enquanto discurso aglutinador, movimento de tomada de consciência da comunidade e uma espécie de grito de afirmação.

As culturas e comunidades compósitas, por outro lado, permitiriam pensar as identidades enquanto um rizoma, uma raiz que vai ao encontro de outras raízes e não as exclui, conceito que Glissant emprega a partir de Deleuze e Guatarri. Seriam, portanto, comunidades que se



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa
PPG - LET UFRGS
<http://seer.ufrgs.br/NauLiterária>

Dossiê O estrangeiro na literatura
contemporânea: corporeidades

constituem e pensam a si próprias na relação, no drama da relação de uma totalidade do mundo que se apresenta como arquipélago, nas múltiplas conexões e caminhos possíveis pelas vias marítimas. Estamos no contexto da crioulização, das identidades que se articulam pelos fragmentos de outras identidades que são postas em contato por meio do deslocamento, tanto aquele pelo oceano, quanto o deslocamento de uma linearidade temporal que anteriormente as constituía. Ao invés do épico, relacionado a um pensamento linear e à transcendência de uma textualidade divina, a identidade aqui se fundamenta na narrativa oral ou na escrita harmonizada à oralidade, a qual se manifesta “na repetição, na redundância, na preponderância do ritmo, na renovação das assonâncias” (GLISSANT, 2005, p. 47). Por isso, na crioulização é privilegiado um pensamento em arquipélago, valorizando a errância, o estar à deriva em uma circularidade disruptiva para com o vetor em linha reta das comunidades e identidades atávicas.

4 A deriva de si próprio no outro

Em relação ao *Feitiço da ilha do Pavão*, como ressalta Bernd (2001, p. 119), a imprevisibilidade é característica acentuada do perfil das personagens, que pelo contato se tornam o outro sem, contudo, deixarem de ser eles mesmos, adentrando em um entre-lugar identitário. O germânico Hans Flussufer, por exemplo, manifesta em sua trajetória e proceder no romance aquela deriva que marca a crioulização. Em sua terra, devido à inveja que alguns homens tinham de sua ascensão social por meio do trabalho, é denunciado por bruxaria. Sentenciado à morte, após tortura, logra escapar da prisão; deambula pela Europa, vende-se como escravo para conseguir transporte e, em Lisboa, alista-se em um galeão que rumava para a América. Contudo, o barco naufraga na entrada da Baía de Todos os Santos, após um fenômeno escurecer o dia



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa
PPG - LET UFRGS
<http://seer.ufrgs.br/NauLiterária>

Dossiê O estrangeiro na literatura
contemporânea: corporeidades

repentinamente; com a ajuda de uma barrica quebrada, consegue chegar à praia da Beira da Mata, na ilha do Pavão, sendo encontrado por quatro índias, com as quais passa a viver e se relacionar. Constrói uma casa, a princípio dividida com os outros índios, mas a superlotação o leva a construir diversas outras habitações semelhantes. Com a quatro indígenas vê a sua família crescer, tem filhos e percebe que nunca mais gostaria de sair dali: “A tudo Hans se habituou e achou mesmo que tinha ficado um pouco sábio, certamente bem menos amargo e cheio de convicções tolas, como antes” (RIBEIRO, 1997, p. 54).

Em seus antecedentes, Hans se vincula a uma tradição europeia, normalmente relacionável ao colonizador, às comunidades atávicas. No entanto, além de pertencer a um estrato social mais baixo, em busca de ascensão, é forçado pelas contingências de seu país e de seus desafetos a uma nova marginalização que o exclui da sociedade. Despojado de seus bens, de sua vida e de sua cultura, buscando o exílio para poder sobreviver, Hans vivencia a rearticulação de si por meio da viagem, da deriva em que sua identidade é atravessada pelo outro, até chegar na ilha do Pavão, espaço que permite a abertura de suas concepções sobre o mundo e sobre si:

Continuou religioso, mas, [...] não via empecilho a, diante de toda a glória e imensidão da Divina Criação, acreditar também nas vagas divindades dos índios, em suas mágicas e suas histórias para explicar a origem dos homens, dos bichos e das plantas. E tampouco deixava de ver sentido nas crenças e práticas dos negros com quem passara a conviver com certa regularidade (RIBEIRO, 1997, p. 54).



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa
PPG - LET UFRGS
<http://seer.ufrgs.br/NauLiterária>

Dossiê O estrangeiro na literatura
contemporânea: corporeidades

Como o trecho apresenta, Hans não vê a sua identidade ser diluída, mas ela se torna aberta ao outro, é posta em relação sem se anular ou buscar excluir a alteridade. Torna-se uma identidade em fragmentos, formada por níveis sobrepostos, palimpéstica e intertextual².

Promovendo a subversão de imagens cristalizadas e estereótipos sobre etnias e grupos sociais, o romance encena na ilha do Pavão o processo de crioulização, evidenciado nas trajetórias das personagens, em seus movimentos e contatos. Tanto Hans Flussufer quanto o Capitão Cavalo são personagens marcados pela itinerância, pelo movimento contínuo no espaço e nas temporalidades. Quanto ao Capitão, a despeito de pouco falar de sua história, o que se contava era que, ainda que filho de pai rico, havia se tornado “aventureiro, pirata e contrabandista, metendo-se em guerras, corsos e conquistas a conta própria, pela costa oriental da África, mas desfraldando sempre o gonfalon lusitano [...]” (RIBEIRO, 1997, p. 145). Inicialmente, portanto, ele representa essa imagem típica do homem da península ibérica nos tempos de domínio colonial: o conquistador. Ele teria viajado por muitos lugares e nas Querimbas Setentrionais, na região de Moçambique, havia ficado amigo do frei João de Menezes, com quem teve contato com a filosofia natural do Oriente e com a sabedoria política. Cansado das batalhas na África e incentivado pelo saber do frei, convenceu o rei, pelos serviços prestados, a conceder-lhe uma porção de terra na “estranha ilha da Bahia conhecida como ilha do Pavão”.

² Sobre a construção da *personagem* de Hans, pelos nomes de cidades e pessoas mencionados em sua história, pode-se compreendê-lo como uma reconfiguração livre da personagem referencial de Johannes Junius, conhecido por ter sido preso, torturado e condenado à fogueira no século XVII, no contexto da Contra-Reforma e dos Julgamentos das Bruxas de Bamberg, na região da Baviera; da mesma forma, por ser Johannes/Hans um correlato germânico de João, e Flussufer, um termo traduzível por Ribeira, além do interesse da personagem por questões ligadas à construção espaço-temporal do universo, nota-se nele um correlato ou projeção (meta)ficcional do autor, João Ubaldo Ribeiro (LACOWICZ, 2013, p. 181).



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa
PPG - LET UFRGS
<http://seer.ufrgs.br/NauLiterária>

Dossiê O estrangeiro na literatura
contemporânea: corporeidades

Preparou-se e levou consigo a esposa, Dona Joana Maria, filha de um fidalgo empobrecido, casamento que não havia sido arranjado, mas fruto de corte apaixonada (RIBEIRO, 1997, p. 147).

Na ilha, contudo, a esposa passou a sentir uma tristeza profunda, sem motivo aparente e sem nem mesmo alegrar-se com o filho vindouro. Febril, faleceu logo após dar à luz Iô Pepeu, mas havia confessado que sua tristeza se devia a ver toda a injustiça, a miséria e a infelicidade do mundo, aos maus-tratos sofridos pelos pobres, sem nem pelo menos terem uma boa morte. (RIBEIRO, 1997, p. 149). O falecimento é determinante para o Capitão Cavalo decidir encabeçar mudanças na ilha, alforriando seus escravos, mas permitindo aos que ficassem terem sua porção de terra e, aos que trabalhassem para ele, receberem de acordo com o rendimento das colheitas. Essas mudanças são imitadas pelos outros proprietários rurais, para evitar que seus escravos fugissem para campo em que seriam protegidos. Hans e o Capitão Cavalo experienciam as agruras do mundo e encontram na ilha do Pavão a promessa de um sítio tranquilo. Ali, interessam-se por e respeitam o conhecimento da Degredada, feiticeira que não seria nada mais que uma grande sábia, conhecedora de curas, de questões da natureza, das culturas e do saber humano. Ou seja, trata-se de um contexto peculiar em que o Europeu respeita a cultura popular, o saber não racionalizado ou abalizado pelo cristianismo.

Na deriva que constitui as personagens, temos também a personagem Crescência, de origem congoleza, que junto à mãe fora vendida como escrava pelo avô. Alforriada pelo Capitão Cavalo, desperta a paixão de seu filho e expressa valores ligados a honra e autonomia. No começo do romance, ainda que sua caracterização apresente seu caráter forte e determinado, há ênfase em elementos ligados à sensualidade e à beleza, pendendo para a reprodução do estereótipo da mulher negra e brasileira, mas que também demonstram o seu desprendimento



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa
PPG - LET UFRGS
<http://seer.ufrgs.br/NauLiterária>

Dossiê O estrangeiro na literatura
contemporânea: corporeidades

para com normas e repressões sexuais. No decorrer do romance, contudo, a narrativa ressalta o seu amadurecimento, transformando sua infantil prepotência em potência de aprendizagem e liderança, com coragem no desempenho de seu papel junto ao grupo protagonista. Estudando com a Degredada e com Hans, é introduzida nos mistérios da natureza, dos livros e da história do mundo. Integrada ao grupo, descobre que o que achava serem bruxarias eram o desenvolvimento de curas e resolução de problemas por meio do conhecimento, a magia entendida como um grande saber acerca da natureza, um saber que contraria a visão católica europeia. Crescência aprende a ler, torna-se autônoma na busca do conhecimento e passa a ser fundamental naquele grupo. Aos poucos, seu papel é delineado: era a promessa do futuro, “o papel de herdeira, guardiã e transmissora do que descobrissem” (RIBEIRO, 1997, p. 289), no que se alude ao misterioso orbe localizado no quase inacessível topo do maior morro da ilha do Pavão, esfera que concretizaria o “Grande Feitiço”.

O movimento de ruptura com o esperado sobre as identidades direciona a recriação ficcional de um processo de constituição de uma América movida pela criouliização. O relacionamento de Crescência, uma ex-escrava, com Iô Pepeu, o filho de família rica, pode ser considerado um “elogio à impureza”, segundo Zilá Bernd (2001, p. 119), distanciando-se dos preceitos de pureza racial, característicos de comunidades atávicas, instituídos por personagens como as elites políticas da ilha e a personagem do Mani Banto, o rei do Quilombo.

5 Um quilombo absolutista cristão

A figura do rei do Quilombo, pela própria alcunha inesperada desse líder, é uma das mais surpreendentes nesse jogo de identidades em contínuo rearranjo. Conforme lembra Bernd, a



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa
PPG - LET UFRGS
<http://seer.ufrgs.br/NauLiterária>

Dossiê O estrangeiro na literatura
contemporânea: corporeidades

representação das lideranças quilombolas ou não encontra espaço na literatura ou é vinculada “a símbolos de revolta e do amor à liberdade. Aqui [n’*O feitiço da ilha do Pavão*], contudo, o líder negro atua de modo arbitrário e prepotente, reestabelecendo, no espaço do quilombo, o regime escravocrata” (BERND, 2001, p. 119). O reino do quilombo, em contraste com a representatividade do conceito como espaço de resistência e união, era uma região da ilha em que vigorava um regime totalitário, a ser regido, pretensamente, pelas leis da Coroa portuguesa; eram, portanto, monárquicos e católicos, mantendo-se inclusive a escravidão. O local era governado por Afonso Jorge II, filho de Afonso Jorge Nzomba, um poderoso mercador de escravos que, tendo ficado na ilha do Pavão, acumulou riquezas e levava uma vida de luxo. Motivado pelas mudanças na ilha, como a libertação dos escravos incentivada por Capitão Cavallo, decidiu se isolar com seus súditos no espaço que denominaria como o quilombo do Mani Banto, que na língua do Congo seria o Rei Banto, uma vez que Afonso Jorge se dizia descendente do grande rei do Congo Nzonga Nvemba, Afonso I. Após a sua morte, seus filhos matam uns aos outros para subir ao trono, restando apenas o mais novo, Jorge Diogo, que se torna Afonso Jorge II, herdeiro também da inimizade para com o Capitão Cavallo.

Jorge Diogo, o rei do Quilombo, representa uma identidade de tipo atávico, voltada para a valorização de uma raiz única, de uma suposta tradição fechada e, no caso dele, de uma pretensa linhagem monárquica unívoca. Além disso, acreditava na sua superioridade racial frente a outras etnias, motivo pelo qual desprezava aqueles africanos que não fossem congolezes; considerava que eram:

[...] todos negros ordinários, que nem mereciam ser chamados de negros legítimos, todos feios, horrorosos, diferentes, nascidos para a servidão e agora cheios de liberdades nas outras localidades da ilha do Pavão, como se por acaso fossem negros do Congo e como estes fossem gente e tivessem direitos (RIBEIRO, 1997, p. 92).



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa
PPG - LET UFRGS
<http://seer.ufrgs.br/NauLiterária>

Dossiê O estrangeiro na literatura
contemporânea: corporeidades

Por meio do discurso indireto livre, o narrador apresenta a forma de pensar do rei do Quilombo e a justificativa dele para manter uma ordem escravocrata em seu território. Além de ser o líder daquele território, Jorge Diogo demonstra todo um cuidado com a sua aparência, tanto física quanto discursiva. Desse modo, apresentava-se como um verdadeiro monarca europeu: “chapéu bicorne emplumado e brasonado, túnica perolada e escarlata com fartos alamares dourados, calças rubras como sangue e pespontadas de azul, botas de solado alto luzindo como espelhos, colares, medalhas, pulseiras e brincos” (RIBEIRO, 1997, cap. 10).

Em artigo sobre a maneira como João Ubaldo Ribeiro lança mão do léxico para compor as personagens e encenar a disputa política por meio do discurso, Denise Salim dos Santos (2004) apresenta que as incongruências identitárias de Jorge Diogo, enquanto negro a escravizar brancos e outros negros e com a autoimagem a moldes europeus, é reforçada pelo repertório lexical utilizado pela personagem, “repleta de termos cultos (**assolam, afamado, haveres, rudes, prendas, extravagantes, enviatura**), superlativos (**opulentíssimos**), locuções cristalizadas (**maus sucessos, regras do bom trato e do respeito**)” (grifos da autora - SANTOS, 2004). Segundo Santos, esse repertório, somado ao uso do “vós” para demarcar um distanciamento hierárquico e imitando modos lusitanos de se expressar, configura um exagero que permite ao leitor desnudar o ridículo da personagem. A própria opulência de seu reino é desmascarada no romance quando Jorge Diogo decide por realizar um triunfo, solenidade como a de um imperador romano, para comemorar a captura de Iô Pepeu e Balduíno Galo Mau como seus prisioneiros. Entretanto, as poucas carruagens e muitas carroças do Quilombo fariam apenas um cortejo



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa
PPG - LET UFRGS
<http://seer.ufrgs.br/NauLiterária>

Dossiê O estrangeiro na literatura
contemporânea: corporeidades

“pobre e desconjuntado”, tendo que contentar-se com um desfile mais simples para a comemoração.

Cabe mencionar a valorização de uma moral católica nesse processo em certa medida neurótico de apropriação da personagem negra de uma máscara branca, no que ecoam as ideias de Frantz Fanon sobre a relação do negro colonizado com a cultura e língua do colonizador (2008). A aparência de “homens de bem”, valorizadores de uma moralidade cristã, familiar e honrosa é desmascarada também nas personagens do Mestre-de-campo Borges Lustosa e do padre Tertuliano, chefe da mesa inquisitorial, uma vez que ambos passam a ter um relacionamento sexual nos bastidores de suas atuações como porta-vozes dos bons-costumes. O recurso à carnavalização, apresentando as personagens nos momentos em que podemos visualizá-las no contato com o baixo-corporal (BAKHTIN, 1987), como o sexo, a defecação e, sobretudo, o sexo anal, permite que essas identidades de tipo atávico sejam desconstruídas.

Nesse sentido, o aspecto dialógico das personagens, a carnavalização na construção delas, dissolve concepções rígidas sobre as culturas e as identidades brasileiras, abrindo espaço para a reorganização dessas imagens e a construção de novos sentidos. O heterogêneo, desviando-se da norma, carnavaliza-a e, ao rebaixá-la, dá-lhe nova vida e nova significação, o que se entrelaça no romance com a criouliização das trocas culturais e identitárias que caracterizam o grupo protagonista. Esse jogo entre culturas, processo de mútuos empréstimos e influências, de abertura, rompe com o pensamento em sistema, com a raiz única, com a visão cartesiana e o racionalismo fechado, não raro utilizados como justificativas para o domínio social e cultural. A paródia, por sua vez, pela imagem duplicadora e subversora, evidencia o caráter intertextual da narrativa, pondo em pauta o teor autorreflexivo da literatura contemporânea e “as inadequações



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa
PPG - LET UFRGS
<http://seer.ufrgs.br/NauLiterária>

Dossiê O estrangeiro na literatura
contemporânea: corporeidades

dos sistemas totalizantes e das fronteiras fixas institucionalizadas (epistemológicas e ontológicas)” (HUTCHEON, 1991, p. 282). Dessa forma, as divisas entre história e ficção são problematizadas, bem como os limites entre diferentes culturas e os diferentes valores que tradicionalmente recebem.

6 O não-tempo e as fronteiras internas do povo-nação

Enquanto constituição de um espaço aberto, na encruzilhada de caminhos diversos, a ilha do Pavão seria semelhante ao Caribe, como um mar de trânsitos marcado por:

um encontro de elementos culturais vindos de horizontes absolutamente diversos e que realmente se criouliizam, realmente se imbricam e se confundem um no outro para dar nascimento a algo absolutamente imprevisível, absolutamente novo – a realidade crioula (GLISSANT, 2005, p. 17-18)

A realidade crioula da ilha do Pavão, na dinâmica dos rastros/resíduos de culturas que se chocam e se interpenetram, é uma criação ficcional que valoriza, num épico ao avesso, uma poética da diversidade, da ruptura com as imagens unitárias de um povo-nação.

João Ubaldo Ribeiro, ao se utilizar da temática da ilha, não como isolamento, mas conexão e encontro de vias marítimas, “estaria se alinhando à proposta dos autores antilhanos de relativizar os absolutos, de desconstruir engrenagens enferrujadas, através da ironia e da carnavalização [...]” (BERND, 2001, p. 117). A ilha seria o ponto estratégico de intersecção de diversas culturas, cujos elementos entram em confluência. Segundo Zila Bernd (2001, p. 118) e conforme buscamos analisar nesse artigo, João Ubaldo se associa a uma tendência literária conhecida como *crioulização*, presente na literatura antilhana francófona: a busca da identidade



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa
PPG - LET UFRGS
<http://seer.ufrgs.br/NauLiterária>

Dossiê O estrangeiro na literatura
contemporânea: corporeidades

nacional prevendo a pluralidade de etnias, diversas culturas coexistindo em um espaço harmônico, sem haver pretensão à homogeneidade.

Por meio da dinâmica da crioulização, poeticamente construída, o romance de João Ubaldo Ribeiro desafia a noção tradicional de fronteira, enquanto separação e isolamento, responsável pelo fechamento da nação. Em seus estudos sobre a localidade da cultura, Homi Bhabha leva em conta as bordas internas da nação e os movimentos migratórios que redesenham a cartografias dos povos-nações. Ao considerar que as fronteiras enunciativas de grupos marginalizados são determinadas pelos limites das ideias etnocêntricas, e tendo em conta questões ligadas a migrações, diásporas, movimentos sociais, Bhabha afirma que “a fronteira se torna o lugar a partir do qual *algo começa a se fazer presente* em um movimento não dissimilar ao da articulação ambulante, ambivalente, do além que venho traçando[...]” (BHABHA, 1998, p. 24). Há, nesse sentido, uma reflexão sobre a relação do eu com o outro, insinuando a fronteira como um espaço intersticial de contato, uma relação erótica, sensual, pela qual o que começa a se fazer presente é tanto o outro como o si mesmo e a própria relação.

Nessa linha de pensamento que ocorre um câmbio na maneira de escrever a nação, adotando a perspectiva das minorias, dos ex-cêntricos. É um proceder por meio do deslocamento e da disjunção, através de contatos não sincrônicos em um espaço que funciona, segundo Bhabha (1998, p. 28), conforme o “presente” benjaminiano, como uma irrupção para fora da história. Portanto, os interstícios culturais, ao reconhecerem a si como espaços identitários desejantes, ensejam a verve de intervenção, no que “há um retorno à encenação da identidade como iteração, a re-criação do eu no mundo da viagem, o re-estabelecimento da comunidade fronteira da migração” (BHABHA, 1998, p. 29). As identidades saem da lógica linear do tempo cronológico,



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa
PPG - LET UFRGS
<http://seer.ufrgs.br/NauLiterária>

Dossiê O estrangeiro na literatura
contemporânea: corporeidades

da visão de uma raiz única; são performados movimentos entre culturas que se debatem continuamente com os perigos da rigidez e fetichismo identitário.

O jogo entre identidades que o romance d’*O feitiço da ilha do Pavão* constrói, entre o eu e o outro, entre o ficar e o partir, evoca questões acerca das fronteiras problemáticas na modernidade, as quais apresentam temporalidades ambíguas na configuração da nação-espaco (BHABHA, 2000, p. 294). Na escritura da nação, em sua narrativa e na de seu povo, há uma ambivalência, uma dupla temporalidade marcada pela tensão entre o pedagógico e o performativo, o povo como objeto de uma história nacionalista, ligada à ideia de origem, ou o povo como sujeito de um processo de significação que demonstraria o seu princípio “as that continual process by which the national life is redeemed and signified as a repeating and reproductive process” (BHABHA, 2000, p. 297). O performativo rompe com a ideia de povo e de sua história como uma presença na origem, processo concomitante a uma cisão do sujeito nacional:

In a place of the polarity of a prefigurative self-generating nation itself and extrinsic Other nations, the performative introduces a temporality of the ‘in-between’ through the ‘gap’ or ‘emptiness’ of the signifier that punctuates linguistic difference” (BHABHA, 2000, p. 299).

O performativo mobiliza, portanto, a temporalidade do entre-lugar no significante esvaziado, um espaço intersticial de tradução entre culturas. A carnavalização com esse processo no romance, aliando-se à performance paródica e à metaficção para fomentar a porosidade das fronteiras entre o palco e o público entre a obra e o leitor (HUTCHEON, 2010), abrindo um espaço intersticial, uma terceira via na qual as culturas entram em relação.



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa
PPG - LET UFRGS
<http://seer.ufrgs.br/NauLiterária>

Dossiê O estrangeiro na literatura
contemporânea: corporeidades

Ao se tomar as fronteiras como ponto de partida, como ressalta Bhabha, ocorre a ameaça a divisões binárias, tal qual a da nação como uma identidade inteiramente distinta do outro estrangeiro. Nesse sentido, a ilha do Pavão ubaldiana está nas bordas em que se encontram diferentes culturas, nas quais o binarismo tradicional desse encontro é deslocado, uma suplementação que gera uma terceira margem. A concepção de nação como auto-gerativa, fechada, com uma percepção de seu povo visto como uma sucessão de momentos históricos (o pedagógico), é alienada de si própria, mostrando-se como um espaço heterogêneo, marcado pela diferença cultural e pelas histórias heterogêneas “of contending peoples, antagonistic authorities, and tense cultural locations” (BHABHA, 2000, p. 299).

A questão da temporalidade, de diferentes temporalidades, mais do que a historicidade e a visão linear da história, é fundamental nas considerações de Bhabha sobre a construção cultural da nacionalidade, do sentimento de nação (e da ideia de pertencimento), como um uma forma de afiliação textual e social (BHABHA, 2000, p. 292). Ao se falar de diferença cultural, Bhabha busca trabalhar acerca do que ele chama de um tempo intermitente e um espaço intersticial, uma estrutura de indecidibilidade que emerge das fronteiras em um contexto de hibridez cultural (BHABHA, 2000, p. 312).

A temporalidade dupla, ambivalente, do povo-nação, entre o performativo e o pedagógico (em certo sentido, entre a crioulização e o atavismo) introduz, como mencionado, a temporalidade do entre-lugar. Nisso, engendra-se a escrita dupla ou disseminação³, espaço

³ Bhabha admite no início de seu ensaio certa dívida a Derrida, mas Bellei (1998, p. 45) reforça essa relação, insistindo no quanto o teórico indiano estaria baseado no conceito derridiano de disseminação para expandi-lo segundo a sua própria visão: “ao magnificar o N, acrescenta um suplemento de significado a um sentido já completo, e disseminação começa a significar também a nação que ao mesmo tempo dissemina e se torna disseminada e dispersa, e na qual começa a se desfigurar e estar ausente a figura paterna” (BELLEI, 1998, p. 46).



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa
PPG - LET UFRGS
<http://seer.ufrgs.br/NauLiterária>

Dossiê O estrangeiro na literatura
contemporânea: corporeidades

liminar de representação social, um espaço marcado por antagonismos e histórias heterogêneas (BHABHA, 2000, p. 299). A disseminação textual evoca as liminaridades culturais no interior da nação e se articula enquanto estratégia de identificação cultural e interpelação discursiva. Esse tipo de escritura da nação é percebida no romance de João Ubaldo Ribeiro, na maneira como entram em tensão diferentes perfis identitários, cujas fronteiras tornam-se porosas, em que as perspectivas cartesianas sobre tempo espaço são problematizadas pela forma como as personagens vão desenhando suas trajetórias pela ilha e como um navegar entre ilhas.

7 Considerações finais: as terras ignotas da utopia pavoense

Ao longo desse trabalho, buscamos abordar o romance *O feitiço da ilha do Pavão* para refletir sobre os jogos de identidades encenados naquele universo diegético. Buscou-se tratar de como a tensão entre opressão e liberdade movimenta a narrativa e entra em consonância com a constituição de dois grupos de personagens. Esses grupos, por sua vez, encarnam diferentes modalidades de conceber as relações entre culturas: o Capitão Cavallo, Hans, a Degredada, Crescência, Balduino e Iô Pepeu performam uma comunidade crioulizante; o mestre-de-campo Borges Lustosa, o Padre Tertuliano e o Rei do Quilombo, por outro lado, ao insistirem no fechamento de uma cultura eurocêntrica, postam-se como uma comunidade atávica. No decorrer do romance, contudo, esse fechamento é posto a nu, revelado como uma aparência de interesses reacionários. Assim, a ilha do pavão se faz prenhe de crioulização, as personagens são deslocadas dos lugares-comuns, deambulam e derivam; o imprevisível reina na constituição das identidades.

Essa imprevisibilidade na constelação de personagens que animam e são animadas pela ilha do Pavão se associa à sua constituição enquanto mito, deslocada do tempo-espaço comum,



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa
PPG - LET UFRGS
<http://seer.ufrgs.br/NauLiterária>

Dossiê O estrangeiro na literatura
contemporânea: corporeidades

no próprio não-tempo que constitui o entre-lugar e a leitura do outro. Esse aspecto da ilha/romance permite relacionar a obra com a produção literária de Carpentier, pela noção do realismo maravilhoso. Na construção diegética dessas obras, a realidade se apresenta como maravilhosa pela peculiar encruzilhada de certos personagens em um momento específico, que jamais poderia ocorrer na Europa, mas apenas na América, dada a variedade de caracteres culturais que apresenta. Conforme Irlemar Chiampi (2008, p. 32), o realismo maravilhoso de Carpentier é traduzido pela “união de elementos díspares, procedentes de culturas heterogêneas, configura uma nova realidade histórica, que subverte os padrões convencionais da racionalidade ocidental”. Essa união é percebida em *O feitiço da ilha do Pavão*, em que se busca a superação de enfoques redutores sobre as culturas. O diálogo com Carpentier também se nota na construção da personagem do Rei do Quilombo, no qual se pode compreender um diálogo intertextual com a história de Henri Christophe, conforme narrada no romance *El reino de este mundo* (CARPENTIER, 2012): ex-cozinheiro haitiano, negro, após a revolução contra os franceses se torna Rei e estabelece, de modo surpreendente, um regime monárquico e tirânico para com seu próprio povo.

Em seu caráter espiritual, a ilha do Pavão ultrapassa, portanto, a ideia de isolamento e se converte na imagem da trajetória e da busca: por um passado que só podemos conhecer por meio de seus vestígios textualizados (HUTCHEON, 1991, p. 164), pela alma mítica do povo brasileiro, uma alma que pode ser vista e se constrói pela perspectiva do fragmentado, do rizomático, do rastro e da deriva. A temática da ilha se converte na temática do pensamento em arquipélago, a ilha enquanto múltiplos caminhos pelos quais navegar (BERND, 2001, 117), as veredas pelas quais trilhar no porvir: ficção histórica como apostas contra o futuro (MARTÍNEZ, 1996). Desse



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG - LET UFRGS

<http://seer.ufrgs.br/NauLiterária>

Dossiê O estrangeiro na literatura contemporânea: corporeidades

modo, a ficção histórica contemporânea e o romance de João Ubaldo Ribeiro, articulando-se pela via da criouliização, possibilitam a (re)encenação do passado, por meio da imaginação que orchestra fragmentos de mundos (dentre eles o que chamamos históricos) e efetua uma dobra nos tempos, pondo em tensão passados e presentes, o outrora e o agora, a partir do que podemos dar forma e (con)figurar um futuro. Didi-Huberman assinala o potencial político da imaginação, bem como da criação ficcional, que nos permite repensar o nosso “princípio esperança”, o contato entre o Outrora e o Agora que gera um clarão, “uma constelação onde se libera alguma forma para nosso próprio Futuro” (DIDI-HUBERMAN, 2011, p. 60). Nesse sentido, levamos em consideração a posição do romancista ao voltar-se para o passado e como ele e seu tempo se implicam nesse movimento. A ilha do Pavão e seu feitiço espaço-temporal, desse modo, nos permitem dar forma, figurar conjuntamente e de modo heterogêneo, o fingimento que constitui a arte e que permite uma verdade que não se encaixa em formas fechadas e em modelos pré-estabelecidos, uma projeção de nação em movimento, um corpo compósito, formado no entrecruzar e deriva de inúmeros fragmentos de culturas e identidades outras.

Referências:

BAKHTIN, Mikhail. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. Trad. Yara Frateschi Vieira. São Paulo: HUCITEC, 1987.

BELLEI, Sérgio Luís Prado. “Nação, Disseminação E VIAGENS ANTROPOFÁGICAS”. *Travessia* – revista de literatura, n. 36, p. 45-57, UFSC, jul.-dez. 1998. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/travessia/article/view/14914/13573>>. Acesso em 14/08/2018.



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG - LET UFRGS

<http://seer.ufrgs.br/NauLiterária>

Dossiê O estrangeiro na literatura contemporânea: corporeidades

BERND, Zilá. “O Feitiço da ilha do Pavão e de outras ilhas”. BERND, Z. UTÉZA, F. *O caminho do meio: uma leitura da obra de João Ubaldo Ribeiro*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2001. Impresso.

BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. trad. Myriam Ávila *et al.* Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

BHABHA, Homi K. “DissemiNation: time, narrative, and the margins of the modern nation”.

BHABHA, Homi K. (org.) *Nation and Narration*. London: Routledge, 2000. Impresso.

CARPENTIER, Alejo. *El reino de este mundo*. 2. ed. Madrid: Alianza Editorial, 2012.

DIDI-HUBERMAN, Georges. *Sobrevivência dos vaga-lumes*. trad. Vera Casa Nova, Márcia Arbex. Consuelo Salomé, revisão. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

ESTEVES, Antonio Roberto. “O novo romance histórico brasileiro”. ANTUNES, L. Z. (Org.). *Estudos de literatura e lingüística*. Assis: Arte e Ciência, 1998. p. 125-158. Impresso.

ESTEVES, Antonio Roberto. *O romance histórico brasileiro contemporâneo. (1975-2000)*. São Paulo: Ed. Unesp, 2010.

FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Trad. Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

GLISSANT, Édouard. *Introdução a uma poética da diversidade*. trad. Enilce do Carmo Albergaria Rocha. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2005.

HUTCHEON, Linda. *Poética do Pós-Modernismo*. trad. Ricardo Cruz, Rio de Janeiro: Imago, 1991.



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa
PPG - LET UFRGS
<http://seer.ufrgs.br/NauLiterária>

Dossiê O estrangeiro na literatura
contemporânea: corporeidades

HUTCHEON, Linda. O carnavalesco e a narrativa contemporânea: cultura popular e erotismo. In: RIBEIRO, A. P. G; SACRAMENTO, I. (Orgs.) *Mikhail Bakhtin: linguagem, cultura e mídia*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.

LACOWICZ, Stanis David. *Mitos hispânicos no romance histórico brasileiro: uma leitura de O Chalaça (1994) e de O feitiço da ilha do Pavão (1997)*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2013. Web. 9 de novembro de 2018. <
<http://www.culturaacademica.com.br/catalogo/mitos-hispanicos-no-romance-historico-brasileiro/>>

MARTÍNEZ, Tomás Eloy. “Ficção e história: apostas contra o futuro”. *O Estado de S. Paulo*, 05 out 1996, p. D10-D11. Impresso.

MENTON, Seymour. *La nueva novela histórica de la América Latina: 1979-1992*. México: Fondo de Cultura Económica, 1993.

RIBEIRO, João Ubaldo. *O feitiço da ilha do pavão*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.